

A dimensão de extensão do método psicanalítico

LUCIANNE SANT'ANNA DE MENEZES

RESUMO: A proposta deste artigo é refletir sobre o método psicanalítico e, em especial, marcar sua dimensão de extensão, que possibilita a compreensão do funcionamento psíquico tanto no indivíduo e na sessão, como na cultura e nos laços sociais.

PALAVRAS-CHAVE: método psicanalítico; psicanálise extensa; pesquisa psicanalítica; cultura.

INTRODUÇÃO

Sabemos que há uma demanda contemporânea do diálogo entre disciplinas e observamos que os psicanalistas estão sendo chamados à discussão nas fronteiras de produção. Para que possa ser pensado com rigor científico, o trabalho nas interfaces da psicanálise exige questionamentos, definições e contornos de aspectos essenciais como por exemplo: o método, a epistemologia, seus fundamentos e pressupostos, assim como estabelecer uma noção de subjetividade e de suas relações com seus determinantes.

O intuito deste trabalho é refletir sobre o método psicanalítico e, em especial, marcar sua dimensão de extensão, que possibilita a compreensão do funcionamento psíquico tanto no indivíduo e na sessão, como na cultura e nos laços sociais.

Psicóloga e Psicanalista;
Doutora pelo Instituto de Psicologia-USP; Membro Efetivo do Departamento Formação em Psicanálise - Instituto Sedes Sapientiae; Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG; autora de livros e artigos científicos

PSICANÁLISE: MÉTODO, TÉCNICA E CIÊNCIA

Quando Freud inventou a psicanálise, criou ao mesmo tempo um método de investigação da psique e um exemplo na utilização desse método, isto é, o tratamento psicanalítico. A psicanálise começou de fato como um tratamento, na pesquisa clínica com as histéricas, mas superou as expectativas iniciais de seu criador a ponto de se tornar uma teoria da cultura.

Em uma conhecida passagem de *Dois verbetes de enciclopédia* (1923/1980, p.287), Freud define ‘psicanálise’ de modo a abarcar três aspectos indissociáveis: um método de investigação; uma forma de tratamento, baseada neste método, e uma teoria resultante do conhecimento que este método produz:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo; (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos; e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.

Note-se que Freud aponta, primeiro, para o aspecto da *investigação*, marcando o que é essencial no termo psicanálise, ou seja, um *método de pesquisa*, o que nos remete a 24^a Conferência – *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1917/1980, p.453), quando o autor enfatiza que “o que caracteriza a psicanálise como ciência não é o material de que trata, mas sim a técnica com a qual trabalha. Pode ser aplicada à história da civilização, à ciência da religião e da mitologia não em menor medida do que à teoria das neuroses”.

Com isso, Freud mostra sua ousada proposta de que a teoria psicanalítica não se reduz à prática terapêutica e tampouco à psicologia individual. Pelo contrário, o fundador da psicanálise enfatiza que sua nova ciência ocupa uma área muito maior que a prática de consultório e as teorias psicológicas, sendo extensiva à cultura, à literatura, aos mitos, à arte e à religião, dentre outras áreas do conhecimento. Extensiva, portanto, a tudo o que é relativo ao humano nas diferentes manifestações da psique.

Ambas as passagens freudianas nos reportam a um campo semântico em que há três termos que merecem ser esclarecidos: *aplicação, método e*

técnica. Apesar de Freud usá-los, indiscriminadamente, é interessante mostrar essa diferenciação. Como veremos mais adiante, há autores que comentam sobre estes termos, por exemplo, Jean Laplanche (1992) e Fábio Herrmann (1991, 2004, 2005).

Na 24^a Conferência (1917), a palavra *técnica* se refere ao método em operação. Em *Dois verbetes* (1923), “procedimento para investigação” traz a noção freudiana de *método psicanalítico*, enquanto que “método para o tratamento” refere-se à noção de *técnica*, noções essas que o conjunto da citação esclarece e clarifica. Um ano mais tarde, ao tratar das formas e motivos de resistência a sua ciência, Freud mais uma vez mostra as noções de *método psicanalítico* e *técnica de tratamento*, marcando a psicanálise “como um procedimento para o tratamento das doenças nervosas, como um método de pesquisa psicológica e como um instrumento auxiliar para o trabalho científico nos mais variados setores da vida intelectual” (1925[1924]/1980, p.266).

Técnica diz respeito a um conjunto de procedimentos que cria condições para que o *método* possa se concretizar como: a associação livre e a atenção flutuante. O divã não é uma regra técnica, mas um instrumento que facilita o manejo da técnica. Já o *método* se refere ao caminho (direção) para investigação do inconsciente. Portanto, *método psicanalítico é diferente de técnica de tratamento*. A técnica pode variar, mas o método não. O que caracteriza a psicanálise como ciência é o *método* com o qual trabalha: a interpretação psicanalítica.

Herrmann (1991, p.14-21) esclarece que método significa caminho para um fim, enquanto que técnica é referente aos princípios de como encaminhar o processo analítico em adequação ao método:

Em conjunto, processo e técnica formam um todo solidário de adequação ao método. Processo: encarnação do método em fato clínico. Técnica: arte de bem conduzi-lo em relação ao método. (...) Do método deriva o critério geral de validade teórica, a exigência de adequação à origem e função. (...) *O sentido geral do processo, a forma da técnica, a origem e finalidade da teoria dependem precisamente dessa noção [de método].* (Grifos nossos)

O *método psicanalítico* é recortado do trabalho clínico, tendo em vista ser a clínica o lugar privilegiado na recuperação dos significados das formações psíquicas, na investigação do inconsciente, não como uma unidade universal, mas operando na relação com o outro.

A clínica é o lugar por excelência de investigação do psiquismo. O coração da pesquisa freudiana era a clínica. Freud só pôde construir uma teoria geral sobre a psique porque a patologia lhe abria brechas para pensar sobre o funcionamento psíquico. Foi a partir da investigação clínica que Freud pôde fazer desdobramentos para uma teoria da cultura, *marcando a dimensão de extensão do método interpretativo*.

Assim como Freud partia do coração de sua clínica para refletir sobre a cultura, uma pesquisa psicanalítica caminha na mesma direção, do exercício de um patrimônio clínico compartilhado por todo psicanalista, em que seja possível, a partir de sua trajetória (do referencial psicanalítico que foi banhado por sua própria experiência clínica e transmissão da psicanálise), recortar uma abordagem do fenômeno psíquico, portanto, um lugar de observação psicanalítica.

A Psicanálise com “P maiúsculo”, como mostra Herrmann (2005), é uma ciência que se debruça sobre o mundo, sobre as vivências do cotidiano, desvelando sentidos outros, sob os quais estamos submetidos, determinados pelas regras do inconsciente. O inconsciente está presente em toda manifestação humana, na cultura, na arte, no social, nos acontecimentos do dia a dia, nas relações entre as pessoas e delas com as instituições. As manifestações do inconsciente não estão restritas ao espaço do tratamento analítico como Freud mostrou em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), ao marcar a presença do inconsciente nos esquecimentos, nos *actos-falhos* e no tipo de humor.

Enfim, a possibilidade da ‘escuta analítica’ fora do *setting* habitual é operação do método, o que torna o uso da palavra *aplicada* inadequado.

Na introdução de *Novos fundamentos para a psicanálise* (1992), Laplanche nos adverte sobre o uso inadequado do termo “psicanálise aplicada”. Ao abordar a questão de que a experiência psicanalítica não se restringe ao tratamento, mostra quatro aspectos segundo o agrupamento de seus lugares e objetos: a clínica, a psicanálise exportada, a teoria e a história, constituintes,

na verdade, da definição freudiana de psicanálise (FREUD, 1923). Aqui nos interessa o aspecto da *psicanálise exportada* ou *extramuros*. O autor diz utilizar essa expressão para se distinguir da de ‘psicanálise aplicada’, que certamente é a mais comum e conhecida, tendo sua origem em Freud, mas traz consigo uma noção sujeita a críticas:

“Aplicação” suporia que, a partir de um domínio privilegiado, que, com efeito, é o tratamento, uma metodologia e uma teoria seriam abstraídas, para, em seguida, serem transferidas, sem mais – como numa engenharia – para outro domínio, assim como a ciência aplicada de um engenheiro, para construir uma ponte, nada mais é do que uma engenhosa derivação a partir dos conceitos fundamentais da física ou da mecânica. Por isso *rejeitamos essa noção de psicanálise aplicada que desdenha o que constatamos quanto à sua função, quanto ao seu papel, à sua importância, no movimento psicanalítico e, antes de mais nada, em Freud; em Freud onde verificamos não apenas sua importância quantitativa na obra, mas também sua fecundidade.* (LAPLANCHE, 1992, p.11; grifos nossos)

A crítica de Laplanche à noção de ‘psicanálise aplicada’ marca um cuidado terminológico e um esforço conceitual na busca dos fundamentos da psicanálise freudiana. Há outras passagens na obra freudiana que tratam da extensão da psicanálise. Por exemplo, em *Psicanálise* (1926/1980, p.307), ao falar sobre o ‘Tema da psicanálise’, o autor termina dizendo que “nem houve espaço para aludir às aplicações da psicanálise (...) a outros setores do conhecimento (como a antropologia social, o estudo da religião, a história literária e a educação)”. Ou em *A questão da análise leiga* (1926a/1980), em que Freud reforça a importância da psicanálise na compreensão do funcionamento dinâmico e conflitante entre o homem e a civilização:

(...) como uma ‘psicologia profunda’, uma teoria do inconsciente mental, *pode tornar-se indispensável a todas as ciências que se interessam pela evolução da civilização humana e suas principais instituições como a arte, a religião e a ordem social.* Em minha opinião ela já proporcionou a essa ciência considerável ajuda na solução de seus problemas. Mas essas são apenas pequenas contribuições

em confronto com o que poderia ser alcançado se historiadores da civilização, psicólogos da religião, filósofos e assim por diante concordassem em manejar *o novo instrumento de pesquisa que está a seu serviço. O emprego da análise para o tratamento das neuroses é somente uma das suas aplicações; o futuro talvez demonstre que não é o mais importante. Seja como for, seria errôneo sacrificar todas as outras aplicações a essa única*, só porque diz respeito ao círculo de interesses médicos. (p.280-1; grifos nossos)

Nessa passagem, Freud marca a importância da investigação psicanalítica das relações do sujeito com a cultura, da vida nas instituições. Em outras palavras, ressalta a importância da abordagem psicanalítica dos fenômenos sociais, o que nos remete a *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1980), quando, logo no início ao explicar a importância do outro na construção e funcionamento do psiquismo, conclui que as relações de que tratamos na pesquisa psicanalítica podem ser consideradas como ‘fenômenos sociais’:

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. As relações de um indivíduo com os pais, com os irmãos e irmãs, com o objeto de seu amor e com seu médico, na realidade, *todas as relações que até o presente constituíram o principal tema da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar serem consideradas como fenômenos sociais e, com respeito a isso, podem ser postas em contraste com certos outros processos, por nós descritos como ‘narcisistas’, nos quais a satisfação das pulsões é parcial ou totalmente retirada da influência de outras pessoas.* (p.91-2; grifos nossos)

Freud recusa a divisão indivíduo-sociedade e reforça a importância dos fenômenos sociais serem postos em contraste com processos narcisistas, trata-se da construção de ideais que articulam o sujeito nos laços sociais. Já nos seus fundamentos, a psicanálise pensou no indivíduo inserido na sociedade, portanto, *em relação*. Com isso, nosso intuito é mostrar a legitimidade da

abordagem psicanalítica dos fenômenos sociais, retomando aspectos do pensamento freudiano como aquele que Laplanche (1992) denomina de “pensamento extramuros”, na ideia de que a psicanálise pode se dirigir para *fora-do-tratamento*, não para qualquer lugar, mas num movimento em direção ao cultural.

Herrmann (2005), na sua distinção entre método e técnica psicanalítica, formula o conceito de *clínica extensa*, que diz respeito à “vasta medida em que o método ultrapassa a técnica” no tratamento ou fora dele. O autor assinala que a expressão ‘clínica extensa’ desperta a ideia do uso do método psicanalítico em situações exteriores ao consultório como em hospital, na escola, dentre outros, e que não há nada de errado nesse entendimento usual, porém merece uma consideração:

Por *clínica extensa* não pretendo referir-me tão-só à extensão a outros domínios, como também à recuperação daquilo que constitui nosso patrimônio original, em parte abandonado com o tempo. Como a atenção analítica é sempre clínica, a psicanálise da cultura e da sociedade, a correlação de mão dupla com a literatura e as artes, a própria integração com o reino das ciências, tudo isto é clínica extensa (...) mesmo a prática de consultório pode configurar como clínica extensa. (HERRMANN, 2005, p. 24)

Ao dizer que ‘a atenção analítica é sempre clínica’, Herrmann marca o lugar da observação psicanalítica, de um modo específico de o psicanalista incidir sobre seu objeto de estudo, “a *psique em relação*”, nos seus dizeres. E o que é o *estudo da psique em relação* senão a própria pesquisa psicanalítica?

A RESPEITO DA PESQUISA PSICANALÍTICA

Recuperar o fundamento do método psicanalítico na sua dimensão de extensão é importante para o trabalho nas interfaces da psicanálise. Em *Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho* (2012), Menezes traz os aspectos principais de uma pesquisa na interface dos campos da saúde do trabalhador e da psicanálise. A partir de casos investigados na Vigilância em Saúde do Trabalhador, da Coordenação de Vigilância da Saúde (VST-COVISA) da Cidade de São Paulo, a autora mostrou que, pela lente freudiana, os casos

expressam a maneira como os laços sociais estão se construindo, na atualidade, aspecto para o qual Freud chamou atenção desde os primórdios da psicanálise.

A respeito da pesquisa psicanalítica, em especial, de psicanálise em extensão, Rosa (2004) mostra que ela pode ser tomada como um dos campos da psicanálise, dispondo de dispositivos de análise da articulação sujeito e sociedade. Este tipo de pesquisa tem sua pertinência teórica e conceitual a partir de Freud, apesar das várias críticas e discussões que tem gerado. Para a autora:

Inúmeros são os modos como se pode desenvolver, dentro dos fundamentos éticos e teóricos da psicanálise, uma investigação dos fenômenos sociais, contribuindo para a elucidação de sua eficácia no processo de alienação do sujeito e apontando os laços que possibilitem a sua inclusão como sujeitos do desejo. (ROSA, 2004, p.340)

Sobre os dispositivos de análise da articulação da construção da subjetividade aos laços sociais, Plon (1999, p.108) ressalta que a psicanálise tem

(...) a possibilidade de isolar os elementos de subjetividade empregados nas práticas sociais para, ao mesmo tempo, esclarecer o que é residual nessas práticas, quer dizer, aquilo que, nessas práticas, escapa à análise sociológica ou econômica e enriquece por sua vez nosso conhecimento teórico das engrenagens desta subjetividade que tais práticas podem fazer aparecer.

Nesse sentido, como enfatizam Rosa e Domingues (2010, p.187), “cabe à psicanálise incidir (...) sobre a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais”.

No campo dos processos políticos, Plon (1999) mostra que é possível localizar modalidades e efeitos de relações transferenciais e da ação da organização pulsional utilizados para governar:

(...) analisar os modos de funcionamento da subjetividade, da banalização do mal e do sofrimento; localizar as formas de evitação da castração como motores postos a serviço do bom funcionamento e da boa “gestão” daquilo que

as empresas modernas, impregnadas de um saber psicológico a toda prova, chamam de “recursos humanos” (...). (p.108)

A pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos, nos dizeres de Rosa e Domingues (2010, p.187), “pode contribuir para elucidação dos modos como os sujeitos estão enredados nas malhas da dominação, de modo a indicar possíveis saídas individuais, sociais e coletivas”.

Sobre a pesquisa psicanalítica, Herrmann (2004, p.6) enfatiza que todo analista pesquisa: embora o trabalho clínico de consultório seja uma fonte elevada de investigação, os analistas “praticam outras formas de clínica”, em que também há pesquisa da psique, “não necessariamente a partir da técnica terapêutica (...), mas, tal como as psicanálises da cultura de Freud, obedecendo ao método interpretativo”. Para o autor:

Uma pesquisa psicanalítica é mais que um relato clínico (...), pois (...) faz avançar decisivamente o conhecimento da psique humana. Um ensaio teórico, apoiado em material clínico ou na análise de certo recorte da sociedade e da cultura, constitui também uma pesquisa. (...) pesquisa é algo que os analistas estão sempre a fazer; bastaria saber como transformar o trabalho diário em pesquisa comunicável. (...) a opção pelo método psicanalítico equivale a propor uma alternativa ao modelo usual de pesquisa psicológica, baseada em protocolos, estatística, grupos de controle, etc.. (HERRMANN, 2004, p.6)

Como aponta Rosa (2004, p.341), “um psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. A observação dos fenômenos está em interação com a teoria, produzindo o objeto da pesquisa, não dado *a priori*, mas produzido na e pela transferência”.

Lembremos que a transferência não é restrita à situação do tratamento analítico, ocorrendo em todo tipo de relação humana. O campo da transferência é um campo intersubjetivo que propicia uma situação de comunicação do inconsciente. É *na e pela* relação transferencial que se constrói a questão a ser estudada.

Menezes (2012) relata que, como psicanalista, foi capturada pelo tema

da *precarização do trabalho*, sendo enganchada neste tema por conta de suas observações cotidianas de trabalho. Ela não escolheu o tema. Ele foi se impondo para ela ao longo dos anos de prática no campo da saúde do trabalhador, pelo viés da experiência da vigilância em saúde do trabalhador, de tal forma que passou a fazer parte dos seus interesses de pesquisa.

Ao utilizar o referencial da metapsicologia freudiana, para refletir sobre determinadas questões, é fundamental problematizar a produção de subjetividade na atualidade e seus efeitos nos sujeitos e nos laços sociais. Como foi apontado no início deste artigo, há uma demanda contemporânea do diálogo entre disciplinas. A produção do saber na psicanálise e seus intercâmbios com outros saberes configuram um campo que podemos chamar de '*psicanálise e conexões*', ideia que aparece claramente na 10^a Conferência – *Simbolismo nos sonhos* (1916/1980), em que Freud diz o seguinte:

No trabalho da psicanálise formam-se vínculos com numerosas outras ciências mentais, cuja investigação promete resultados do mais elevado valor: vínculos com a mitologia e a filosofia, com o folclore, com a psicologia social e com a teoria da religião. (...) Em todos esses vínculos a participação da psicanálise é, em primeira instância, a de doador e, apenas em menor escala, a de receptor. É verdade que isso lhe traz a vantagem de seus estranhos achados se tornarem mais conhecidos quando constatados também em outras áreas da ciência; porém, em seu conjunto, é a psicanálise que provê os métodos técnicos e as concepções cuja aplicação nesses outros campos deve se mostrar proveitosa. A vida mental dos seres humanos, quando sujeita à investigação psicanalítica, oferece-nos explicações com cujo auxílio conseguimos resolver numerosos enigmas da vida das comunidades humanas ou, pelo menos, enquadrá-los num enfoque verdadeiro. (p.200-1; grifos nossos)

Na atualidade, ao refletir sobre o tema do sujeito e do laço social, é imprescindível considerar as articulações de diferentes discursos, tendo em vista a complexidade de relações existentes na constituição do sujeito, assim como do laço social, que ordena como um tipo de civilização trata o que é da ordem do real. De qualquer modo a questão do psicanalista, na contemporaneidade,

refere-se a *como a psicanálise pode ser útil nos vários ambientes em que o psicanalista é demandado*. E o que nos possibilita o trabalho das conexões é a dimensão de extensão do método.

The dimension of extension of the psychoanalytic method

ABSTRACT: *The purpose of this article is to reflect about the psychoanalytic method and, in particular, to define its dimension of extension, which enables the comprehension of psychical operation in the individual and in the session, as well as in the culture and social bonds.*

KEYWORDS: *Psychoanalytic method; external psychoanalysis; research psychoanalytic, culture.*

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- (1912b). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, v. 18.
- (1915). *O inconsciente*, v. 14.
- (1926). *A questão da análise leiga*, v. 22.
- HERRMANN, F. *Andaimes do real*. São Paulo: Vozes, 1991.
- _____. Pesquisa psicanalítica. *Ciência e Cultura*, v.56, n.4, p.26-8, 2004.
- _____. Clínica extensa. In: BARONE, L. M. C. (Org.) *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 17-31.
- LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MENEZES, L. S. *Psicanálise e saúde do trabalhador: Nos rastros da precarização do trabalho*. São Paulo: Primavera, 2012.
- PLON, M. A face oculta da análise leiga. *Agora*, v.2, n.1, p.91-110, 1999.
- ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: Metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v.4, p.329-48, 2004.

_____. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: Metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v.4, p.329-48, 2004.

ROSA, M. D.; Domingues, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: A utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v.22, n.1, p.180-8, 2010.

_____.; Domingues, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: A utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v.22, n.1, p.180-8, 2010.

Lucianne Sant’Anna de Menezes

Av. Pará n. 1720, Bloco 2C
Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Campus UMUARAMA - CEP: 38405-320
Uberlândia - MG
telefone: (34) 992029093
lucianne.menezes@ufu.br